

DIVULGAÇÃO DO DISCURSO ESPECIALIZADO E MARCADORES DISCURSIVOS

Uma análise de TEDx talks em português brasileiro

MARTINA DESANTIS
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI ROMA TRE

Abstract – The aim of the present work is the analysis of a corpus of TEDx talks delivered in Brazilian Portuguese, from a linguistic and communicative point of view, focusing on the use of discursive markers in this kind of monitored communicative events, where specialized discourse is combined with spontaneous speech. Each talk is previously planned and delivered by an expert speaker in a unidirectional way, which leads to an asymmetrical communication intended for a non-specialist audience, who can attend the event in-person or watch the video recording of the live event on the TEDx YouTube channel at a later time. The oral nature of the talk lead to a variable but relevant influence of spontaneous speech structures, which moves the actual communication towards a more symmetrical communication, creating a sort of interaction with the audience who, in any case, has little to no possibility of real feedback. Taking this trait in consideration, the analysis is focused on interactional discursive markers, dividing the corpus in three sections depending on whether the audience is actually present or had only the possibility of watching the video recording. In the latter case, the corpus is furtherly divided between the events recorded on a stage or in a studio recreating the environment of a TEDx conference and the ones not included in this kind of format, according to the hypothesis that the organization of the speech and, as a consequence the speakers' communicative behavior, might be different. The study includes quantitative and qualitative considerations and is conducted on the transcriptions of the video recordings of the talks.

Keywords: discursive markers; spontaneous speech; specialized discourse; popularization.

1. Introdução e fundamentos teóricos

O presente trabalho apresenta uma análise de um corpus formado por TEDx talks em português brasileiro (PB), desenvolvida em termos linguístico-comunicativos.

Nomeadamente, o enfoque da pesquisa foi o uso dos marcadores discursivos de caráter interacional, considerados evidência relevante de uma das características fundamentais que identifica o gênero discursivo dos talks, como um gênero de comunicação híbrido e de inovação, no quadro da popularização do discurso especializado.

Caliendo define de forma eficaz tal gênero como “an interesting

example of the increasing difference between written and spoken monologic and dialogic” (Caliendo 2012, p. 113) acrescentando que a natureza híbrida das comunicações decorre da criação de uma interseção entre aulas universitárias, comunicações científicas, artigos de jornal, intervenções em congressos ou, até, em programas televisivos de informação científica ou técnica.

Para explicar, falamos de comunicações definidas, no site oficial da organização TED, como “a grassroots initiative”, ou seja, concebidas com o propósito de reproduzir em um nível local e independente o modelo das conferências TED.

Na verdade, o programa TEDx representa um dos vários projetos que ampliam as atividades da organização sem fins lucrativos TED e adere à missão principal de pesquisa, descoberta e popularização de “ideas worth spreading”, citando de novo o site oficial.¹

Portanto, o projeto assenta na intenção comunicativa de difundir ideias, atividades ou debates considerados relevantes ou uteis para atingir efeitos positivos ou mudanças na sociedade atual.

Os talks são realizados por speakers expertos, os quais desenvolvem uma comunicação voltada para um público leigo, amplo e diversificado e, em esse aspecto, podem ser inseridos de forma generalizada no gênero discursivo da popularização especializada, como já mencionado.

Os assuntos tratados nos talks podem variar e pertencer a diferentes disciplinas, característica que leva a uma notável heterogeneidade nos processos de organização formal e de conteúdo das comunicações. Por conseguinte, apesar de aparecer claro o padrão TED que o programa TEDx reproduz, a realização concreta dos talks vai ser desenvolvida de forma diferente dependendo das especificidades do contexto comunicativo, do speaker, dos tópicos a serem abordados e, claramente, do público.

Em relação à participação da audiência ao evento comunicativo, explorando o canal YouTube oficial do programa, foi possível encontrar cenários diferentes devido às limitações aplicadas no período da pandemia.

De fato, até os primeiros meses de 2020, os talks eram organizados em eventos ou congressos, e previam a presença efetiva de um público, ao vivo. Adicionalmente, cada comunicação era gravada e publicada no canal YouTube oficial do projeto. Portanto, a versão ‘original’ envolvia dois tipos de audiência, presencial e virtual. Mais tarde, a partir da implementação das restrições devidas à difusão do Covid-19, os talks foram gravados em formas diferentes. O evento podia ser realizado em modalidade *drive-in*, e, como na versão original, a gravação era publicada, em um segundo momento, no Youtube. Alternativamente, os speakers realizavam as comunicações em um estúdio, em um palco que reproduzia o cenário das conferências originais

¹ <https://www.ted.com/about/programs-initiatives/tedx-program> (último acesso - 09/10/2022).

TEDx, porém sem que o público fosse presente. Outra opção implicava que os talks fossem gravados em outros lugares como, por exemplo, nas próprias casas dos oradores, claramente só com a possibilidade de uma audiência virtual. De qualquer maneira, também nesses últimos dois casos, os vídeos eram publicados no canal oficial, nas listas de reprodução dedicadas.

No que se refere à organização do talk, como mencionado anteriormente, falamos de comunicações de popularização, em que, portanto, podem ser reconhecidos procedimentos de *recontextualização* e *reconceitualização* dos conhecimentos especializados. Com as palavras de Berruto, a popularização consiste em uma “*riformulazione contestualizzata incentrata sul significato concettuale*”, (Berruto 2020, p. 58). De fato, os speakers irão levar em conta os elementos que compõem o contexto comunicativo. Portanto, na fase de preparação do talk, que precede a efetiva realização do evento, são efetuadas considerações sobre quanto é imposto das necessidades técnicas de visibilidade ou acústica, tanto para o evento ao vivo quanto para a gravação vídeo, assim como sobre as discussões, e as eventuais mudanças, surgidas em fases de discussão e revisão anteriores e, claramente, sobre as características do público presencial e virtual. Tudo isso com o objetivo de tornar os conteúdos especializados mais acessíveis e compreensíveis para espectadores que não necessariamente os dominam.

Esses elementos implicam um processo de construção do talk que concilia termos especializados ou setoriais com explicações ou estratégias de definição que possam esclarecer as informações, bem como exemplos retirados de realidades quotidianas ou, de qualquer forma, mais próximas da vida e das situações habitualmente enfrentadas por um público leigo. Além disso, muitas vezes os oradores utilizam anedotas pessoais que permitem reduzir a natural distância interacional e a óbvia assimetria entre experto e leigo, mas, por outro lado, é possível também que na comunicação sejam incluídas informações sobre o percurso formativo ou profissional do speaker, as quais expressam uma forma de garantia de verdade ou confiabilidade no speaker ou nas opiniões apresentadas. Isso denota, por um lado, a vontade de ressaltar o papel de experto que o orador desempenha naquele contexto e, pelo outro lado, o desejo de estabelecer um certo grau de informalidade na interação. Adicionalmente, porções comunicativas estritamente funcionais à transmissão de informações ou dados se alternam a outras secções que sublinham o desenvolvimento de uma verdadeira interação com quem escuta, apesar das poucas (ou nulas) possibilidades de feedback. Essa atividade de reconhecimento do público como efetivo participante ao evento comunicativo, o direciona para uma maior simetria.

O conjunto destas estratégias pode ser reconduzido ao conceito de *proximity* definido por Hyland:

a writer's control of rhetorical features which display both authority as an expert and a personal position towards issues in an unfolding text. It involves responding to the context of the text, particularly the readers who form part of that context, textually constructing both the writer and the reader as people with similar understandings and goals. (Hyland 2010, p. 2)

Claramente, este processo vai afetar diferentes partes do texto, entendido como própria comunicação. De fato, retomando as palavras de Sabatini entendemos o texto como “ogni produzione linguistica che realizzi una comunicazione effettiva” (Sabatini 2012, p. 12). Mais precisamente, as estratégias de aproximação podem ser reconhecidas na organização geral, na estrutura das argumentações, na construção da credibilidade do speaker, na expressão das suas opiniões pessoais e no envolvimento do público, como descrito por Hyland (2010).

Outra consideração relevante sobre a conformação dos textos em análise se relaciona com a possibilidade de posicionar os talks na área central do continuum dos tipos e das funções textuais definido por Sabatini, expressão de uma classificação que assenta no tipo de interação que o emissor quer estabelecer com o destinatário. Este conceito é indicado pelo autor como um pacto comunicativo “che lega immancabilmente emittente e destinatario” (Sabatini, 1999, p. 185) e através do qual o emissor pode impor um dado grau de univocidade na interpretação e na compreensão realizada pelo destinatário em relação ao texto. Para resumir, entre as duas extremidades do continuum, em que encontramos o máximo nível de vínculo interpretativo (textos rígidos) e a máxima liberdade interpretativa (textos elásticos) existe uma área de vínculo médio em que, como já dissemos, podemos inserir os talks, confirmando as afirmações de Caliendo sobre a hibridez dessas comunicações.

Voltando ao processo de aproximação, portanto, podemos deduzir que o contexto comunicativo em que os talks são produzidos se configura como novo e peculiar.

Este trabalho está focado em um âmbito da comunicação sobre o qual se reflete o processo de expressão de proximity, ou seja, o conjunto de estruturas voltadas ao envolvimento do público, entre as quais se colocam os Marcadores Discursivos (MDs), em particular de natureza interacional, identificados e analisados no corpus desta pesquisa.

Falando dos MDs em geral, a primeira questão a ser evidenciada, e que resulta necessária para entender o tipo específico de MDs que foram individuados no nosso corpus, se refere à fundamental heterogeneidade desta categoria. De fato, podemos dizer que se trata de uma classe de elementos “individuabile solo su base funzionale [...] soggetta a vari parametri di variazione” (Bazzanella 2001, p. 79).

Considerando a natureza pragmática dos MDs, por conseguinte, reconhecemos uma conexão entre o uso destes dispositivos e o processo de construção do texto, associado, como já descrito, à criação de uma comunicação relacionada ao contexto em que acontece, essencialmente constituído, entre outros elementos, pelos participantes envolvidos. Efetivamente, retomando estudos precedentes, esse processo é definido como uma “Organização textual-interativa” (Risso *et al.* 2015, p. 371).

Uma perspectiva de investigação desse tipo adquire mais relevância no estudo de textos orais como os aqui apresentados, onde o orador procede a uma análise contínua do contexto ao longo da exposição do seu talk, especialmente nos eventos ao vivo, onde o nível de atenção e até de compreensão dos espetadores, de uma certa forma, pode ser intuído. Além disso, vale a pena sublinhar novamente que uma grande parte das intenções comunicativas nesses contextos é representada pela criação de uma própria interação com o público. O objetivo é realizar com mais eficácia o processo de popularização que, caso contrário, poderia ser prejudicado por causa da natural assimetria “experto-leigo”.

Na verdade, como explica Morleo, estes dispositivos podem ser considerados convenções linguísticas empregadas para alcançar os objetivos de comunicação durante uma determinada interação e apresentam uma “polifunzionalità sintagmatica o pragmatica (che) li rende portatori di diversi significati e diverse funzioni” (Morleo 2018, pp.7)

Parece claro que falamos de um conjunto de elementos bastante diversificado. Para dar alguns exemplos, podem ser incluídos nessa categoria advérbios (agora, então), conjunções (e, mas), formas verbais (sabe?, olha), adjetivos (certo?, bom), orações e estruturas mais complexas (veja bem) e até sons não lexicalizados (uhm, hein).

Isto levou à definição de traços basilares que, individuados em uma dada estrutura, permitem conferir o estatuto de MD e que, adicionalmente, fizeram com que fosse possível delinear uma definição mais precisa dos dispositivos em geral.

Os traços a que nos referimos, são descritos de forma eficaz por Risso, Silva e Urbano (2015) como 10 variáveis:

1. padrão de recorrência,
2. articulação dos segmentos do discurso,
3. orientação da interação,
4. relação com o conteúdo proposicional,
5. transparência semântica,
6. apresentação formal,
7. relação sintática com a estrutura oracional,
8. demarcação prosódica,
9. autonomia comunicativa
10. massa fónica.

Entre estes fatores, cinco constituem o núcleo piloto de caracteres uteis na individuação dos MDs prototípicos, que correspondem às características delineadas na definição base dos MDs: articulação dos segmentos do discurso, fator em contrabalanceamento com a orientação da interação, relação com o conteúdo proposicional, relação sintática com a estrutura oracional e autonomia comunicativa (Guerra 2007, pp. 30-31).

Mais uma vez resulta evidente quão grande pode ser a variação entre todas as combinações de traços, apesar de redução do núcleo piloto.

Em relação a este assunto, é importante lembrar que no processo dinâmico da construção do texto, existe um bom grau de flexibilidade na função que um dado elemento pode desempenhar. Portanto, é necessário considerar os MDs como uma “classe gradiente” (Risso *et al.* 2015, p. 387) ou seja um continuum em que encontramos elementos mais próximos do padrão identificado no núcleo piloto, precisamente os MDs prototípicos, e elementos que apresentam os traços fundamentais de forma parcial, ainda exercendo uma função de marcador do discurso.

Para a presente análise, nos focamos sobre o processo de contrabalanceamento entre as variáveis de articulação dos segmentos do discurso e orientação da interação, que apresentam uma relação de “mútua dependência” (Guerra 2007, p. 31), implicando dois possíveis cenários fundamentais. Com as palavras de Risso, os MDs podem apresentar:

- a) Maior projeção da interação, quando o foco funcional não está no sequenciamento de partes do texto
- b) Em contrapartida, maior projeção da articulação textual, quando o foco deixa de incidir no eixo da interação (Risso 2006, p. 376)

De fato, na descrição dos padrões resultados da combinação das 10 variáveis ilustrada por Risso (Risso *et al.* 2015, pp. 383-385) já pode ser deduzido que um dado de clara e essencial diferença entre as diferentes configurações possíveis é o fato do MD ser direcionado para o texto ou para a interação. Portanto, podemos essencialmente dividir os MDs entre basicamente sequenciadores e basicamente interacionais, evidenciando as duas funções fundamentais desses dispositivos.

Relativamente a esse ponto, resulta útil uma observação: é sempre necessário ter em conta a já mencionada flexibilidade e multifuncionalidade dos MDs. Portanto, a prevalência do traço de orientação da interação não implica uma ausência total do traço de sequenciamento tópico. Apesar disso, pode ser sublinhado uma espécie de relação de proporcionalidade inversa.

Como antecipado, este trabalho consiste na identificação e no estudo de marcadores do segundo tipo (basicamente interacionais) em um corpus de TEDx talks em PB que apresentamos na seção a seguir.

2. Hipóteses iniciais e fases de trabalho

A análise em que consiste a presente pesquisa foi realizada em uma amostra de 12 TEDx talks em total.

Uma das diferenças principais desses talks, se comparados com os TED talks originais, é a apresentação da gravação vídeo aos usuários à distância, que assistem às comunicações em diferido. De fato, os TED talks são publicados no site oficial da organização e incluem seções específicas sobre o speaker, o tópico da comunicação, e eventuais links externos ao site, dando acesso também à transcrição completa do talk, acompanhadas por marcações de tempo.²

No caso dos TEDx talks, no entanto, os vídeos podem ser encontrados no canal YouTube do programa TEDx com listas de reprodução dedicadas às cidades ou aos eventos em que as comunicações se realizam. A descrição de cada vídeo contém dados sobre o orador e as temáticas tratadas, mas não é possível aceder a uma transcrição oficial da comunicação.³

O segundo passo consistiu na formação de 3 subcorpora com base nas modalidades de realização dos talks. Como mencionado na introdução, as restrições devidas à pandemia levaram à organização diferente das comunicações, em termos de presença do público e de gravação.

Tendo isso em conta, os 12 vídeos foram divididos da seguinte forma:

1. Subcorpus 1 – Vídeos gravados em eventos ao vivo e com público presencial.
 - *O poder dos mini hábitos - Joel Moraes - TEDx Santos*
 - *Transformando segundos em minutos - Ícaro de Carvalho - TEDx Santos*
 - *A forma como você encara um momento - Paola Antonini - TEDx Nova Lima*
 - *As redes sociais e a saúde mental - Flavio Milman Shansis - TEDx Unisinos Salon*
2. Subcorpus 2 – Vídeos gravados em um estúdio, reproduzindo um evento TEDx, sem público presencial (com presença da equipe), disponíveis só em diferido.
 - *A gente é aquilo que a gente espalha - Marc Tawila - TEDx São Paulo*
 - *Menos emoção e mais razão - Gabriela Prioli - TEDx São Paulo*
 - *Só você é dona da sua história - Giovanna Heliodoro - TEDx São Paulo*
 - *A ansiedade não é sua inimiga - Camila Wolf - TEDx São Paulo*

² <https://www.ted.com/talks> (último acesso - 09/10/2022).

³ <https://www.youtube.com/user/TEDxTalks> (último acesso - 09/10/2022).

3. Subcorpus 3 – Vídeos gravados em casa ou outros lugares, sem público presencial (a equipe não é presente), disponíveis só em diferido.
- *A favela é uma potência cultural - Raull Santiago - TEDx Unisinos*
 - *O poder dos porquês - Juliana Davoglio Estradioto - TEDx Laçador*
 - *Mulheres, construir sua casa é construir sua independência - Carina Guedes - TEDx Laçador*
 - *Você não é uma coisa só - Monalisa Nunes – TEDx São Paulo*

A divisão aqui ilustrada se justifica pelas hipóteses a partir das quais conduzimos a análise.

A primeira questão se refere ao gênero discursivo de inovação e ao contexto comunicativo particular em que se inscrevem os TEDx talks, ambos descritos na seção introdutiva.

Como antecipado, nestes casos podem ser reconhecidas claras tendências à construção de comunicações mais próximas da simetria, em que as distâncias interacionais entre oradores expertos e público leigo são reduzidas, através de várias estratégias.

Além disso, apesar de se tratar de eventos comunicativos planejados e monitorados, os speakers não têm possibilidade de ler os talks anteriormente preparados e discutidos com as diferentes equipes envolvidas na organização desses eventos, durante o espaço a eles dedicado.

Esses fatores levaram a assumir uma influência relevante da fala espontânea na realização efetiva dos talks, assim como o emprego de estruturas que pudessem marcar a componente interacional da comunicação, atingindo a já mencionada *aproximação* ao público.

Em segundo lugar, a mudança de contexto em que os talk são desenvolvidos, entendido como própria situação comunicativa, levou a deduzir que pudesse corresponder também uma mudança na organização do discurso em termos de realização efetiva, ou seja de exposição oral.

Assumimos que o emprego dos MDs de natureza interacional possa sofrer uma limitação ou, pelo menos, uma variação, em termos de uso, por causa do aumento da distância física entre orador e audiência, devido às restrições impostas nos meses da pandemia. Em outras palavras, traçamos uma conexão entre esta nova configuração do evento comunicativo à distância (que se acrescenta à natureza fundamentalmente unidirecional da comunicação) e um potencial obstáculo à criação de uma real interação com o público, cujo resultado deveria ser uma menor frequência dos MDs nos talks.

Essas considerações nos levaram à configuração do corpus acima descrita.

O terceiro momento desta pesquisa foi dedicado a um estudo realizado de forma quantitativa em relação ao corpus, no qual foram isoladas todas as ocorrências de MDs interacionais em cada transcrição, obtendo uma visão global das tendências de uso destes dispositivos comunicativos.

A quarta e última fase do trabalho implicou um estudo dos MDs individuados em cada vídeo através de considerações de tipo qualitativo.

Em relação a este momento da análise, resulta necessário um esclarecimento de natureza teórica. Até aqui, de fato, foi mencionada várias vezes a visão descrita por Risso em relação à classificação dos MDs. Uma vez que adotamos essa perspectiva de caráter funcional como base para o presente estudo, para a nossa análise qualitativa decidimos utilizar um modelo proposto por Guerra (2007) que permitiu analisar adicionalmente as funções específicas que os MDs desempenham nos textos do corpus.

Guerra (2007, p. 66) parte da redução das combinações que decorrem das variáveis definidas por Risso: “articulação tópica + orientação interacional fraca / articulação tópica + orientação interacional média / não articulação tópica + orientação interacional forte” (Risso et al., 2015, p. 381) em duas configurações principais: não sequenciador tópico e sequenciador da interação / sequenciador tópico e não sequenciador da interação.⁴

Nesse sentido a análise das estruturas detectadas nos subcorpora foi desenvolvida com base na classificação das subfunções predominantemente interacionais, proposta no mesmo trabalho de Guerra, onde esta variável se divide em 6 variantes, listadas a seguir (Guerra 2007, p. 39):

1. Checking
2. Feedback
3. Injuntiva
4. Iniciadora
5. Interpelativa
6. Não se aplica (casos em que o marcador é predominantemente textual)

Mais detalhes sobre cada subfunção serão descritos mais adiante, com referência aos resultados obtidos dos corpora.

⁴ A mudança de rótulo entre *orientador* e *sequenciador* é justificada, de acordo com o contributo de Guerra, pelo fato de o traço *basicamente orientador da interação* envolver conexão interacional, demonstrado tipicamente pelas estruturas conversacionais de *Checking – Feedback*. (Guerra 2007, pp.65-66)

3. Análise dos resultados

3.1. Considerações quantitativas

Como antecipamos na seção anterior, a pesquisa aqui apresentada tem como ponto de partida uma reflexão geral sobre o gênero discursivo, o contexto comunicativo e, por conseguinte, o processo de organização textual, que podem ser associados com os talks.

Começando com um estudo em perspectiva global do corpus, foram extraídos os seguintes resultados:

SUBCORPUS 1 – VÍDEOS GRAVADOS EM EVENTOS AO VIVO	
Talk	Ocorrências totais
<i>O poder dos mini hábitos - Joel Moraes</i>	6
<i>Transformando segundos em minutos - Ícaro de Carvalho</i>	13
<i>A forma como você encara um momento - Paola Antonini</i>	5
<i>As redes sociais e a saúde mental - Flavio Milman Shansis</i>	13
OCORRÊNCIAS TOTAIS no corpus	37
MÉDIA MDs por vídeo ⁵	9,25

Tabela 1
Ocorrências totais dos MDs basicamente interacionais no subcorpus 1.

SUBCORPUS 2 – VÍDEOS GRAVADOS EM UM ESTÚDIO / EM MODALIDADE DRIVE-IN	
Talk	Ocorrências totais
<i>A gente é aquilo que a gente espalha - Marc Tawila</i>	3
<i>Menos emoção e mais razão - Gabriela Prioli</i>	7
<i>Só você é dona da sua história - Giovanna Heliodoro</i>	21
<i>A ansiedade não é sua inimiga - Camila Wolf</i>	27
OCORRÊNCIAS TOTAIS no corpus	59
MÉDIA MDs por vídeo	14,75

Tabela 2
Ocorrências de MDs basicamente interacionais no subcorpus 2.

SUBCORPUS 3 – VÍDEOS GRAVADOS EM CASA OU OUTROS LUGARES	
Talk	Ocorrências totais
<i>A favela é uma potência cultural - Raul Santiago</i>	10
<i>O poder dos porquês - Juliana Davoglio Estradioto</i>	2
<i>Mulheres, construir sua casa é construir sua independência - Carina Guedes</i>	9

<i>Você não é uma coisa só - Monalisa Nunes</i>	40
OCORRÊNCIAS TOTAIS no corpus	61
MÉDIA MDs por vídeo	15,25

Tabela 3

Ocorrências dos MDs basicamente interacionais no subcorpus 3.

A primeira observação que podemos fazer diz respeito à variabilidade em termos de número de ocorrências que foram individuadas em cada vídeo.

É preciso lembrar que a duração dos talks analisados vai dos 9 minutos até, no máximo, os 17 minutos, com uma média de pouco mais de 12 minutos no corpus objeto desta pesquisa, que pode levar a um emprego maior ou menor em termos de frequência dos MDs. Além disso, podemos acrescentar que o processo de escolha das expressões disponíveis no sistema linguístico, assim como as modalidades de organização do texto, se liga de forma direta aos hábitos comunicativos de cada speaker, a elementos de caráter estilístico, bem como a fatores de natureza emocional (possivelmente relevantes no caso de apresentação do talk ao vivo).

Uma questão que deve ser sublinhada em relação ao processo de análise e individuação das ocorrências totais dos MDs em cada vídeo, se refere à exclusão de todas as expressões que poderiam ter sido consideradas MDs, mas que pertencem a uma forma de simulação de fala espontânea como nos casos do uso do discurso direto. Essas estruturas, de fato, são utilizadas como estratégias de dramatização, referências externas a anedotas ou histórias pessoais do speaker, assim como elementos de intertextualidade, não apresentando uma verdadeira conexão com a interação em desenvolvimento entre orador e público em ocasião do talk.

Na seção anterior falamos das duas hipóteses fundamentais em que se fundamenta esta pesquisa.

Podemos considerar a primeira suposição confirmada, pois foi efetivamente possível observar, de forma geral, um recurso a dispositivos de marca da interação, em um contexto em que uma verdadeira conversa resulta de fato impossível e onde as informações transmitidas pelo emissor, ao longo de uma comunicação unidirecional, não são abertas a debates ou discussão.

Portanto, podemos afirmar que a intenção comunicativa de popularização e o específico processo de aproximação entre speaker experto e público leigo se realiza, entre outras estratégias, também através dos MDs basicamente interacionais.

Outro elemento que merece atenção é a preferência mostrada pelos oradores, na maioria dos casos, em relação ao uso de estruturas ou expressões breves, uma característica definida típica dos MDs, em geral.

Com as palavras de Risso “Formas mais desenvolvidas [...] tendem a ser pouco modelares por se revelarem menos formulaicas e, portanto, mais sintaticamente elaboradas.” (Risso *et al.* 2015, pp. 380-381)

Além disso, pode ser destacado um dato interessante sobre as diferenças em termos quantitativos entre os três subcorpora: nos vídeos em que o público pôde assistir aos talks só à distância as ocorrências totais de MDs interacionais (59 no Corpus 2 e 61 no Corpus 3) superam, com uma proporção de aproximadamente 1 a 1,5 e 1 a 1,6, as ocorrências totais detectadas no Corpus 1, com público presencial.

Assim podemos considerar que a segunda hipóteses fundamental do trabalho não parece completamente confirmada.

Com o objetivo de aprofundar a questão, antes de deduzir possíveis explicações, iremos proceder a uma análise de tipo qualitativo, de modo a verificar outras potenciais diferenças na construção da interação que podiam justificar essa diferença no uso dos MD interacionais.

3.2. Considerações qualitativas

O estudo do uso dos MDs interacionais no Corpus objeto desta pesquisa foi aprofundado através da análise dos papéis e das funções que estes dispositivos desempenham nas comunicações, retomando, como antecipamos, a classificação de Guerra (2007) entre a seguintes subfunções: Checking, Feedback, Injuntiva, Iniciadora e Interpelativa.

Antes de apresentar os próprios resultados, precisamos esclarecer a motivação da exclusão da subfunção *Feedback* do estudo.

De fato, os talks não se configuram como conversações, mas como Discurso Especializado de popularização que tende à criação de uma maior simetria entre orador e público. Portanto, este último, apesar de ser reconhecido como efetivo participante à interação através de várias estratégias, não tem uma real possibilidade de responder a eventuais solicitações, ou perguntas. Os poucos casos de interação com feedback que registramos envolvem situações em que o speaker pode decidir de fazer sondagens ou votações por braços erguidos.

Por essa razão, não foi possível incluir na presente pesquisa a subfunção de *Feedback*, ou seja, todos os elementos normalmente pronunciados pelo ouvinte, que expressam acompanhamento da fala do emissor, e que formam, em complementaridade com os MDs de *Checking* uma “estrutura de troca de confirmação discursiva” (Guerra 2007, p.63).

Descrevemos a seguir os resultados do estudo das restantes subfunções.

3.2.1. *Checking*

A primeira subfunção que foi considerada na pesquisa é denominada *Checking* e pode ser definida como busca de aprovação discursiva, expressando uma solicitação direta por parte do falante em direção do ouvinte (neste caso do público).

Através da análise dos 3 subcorpora, foram extraídos os seguintes dados:

CORPUS	DISTRIBUIÇÃO nos vídeos totais do corpus	OCORRÊNCIAS TOTAIS no corpus
1 (ao vivo)	3 em 4 vídeos	20
2 (drive-in / em estúdio)	3 em 4 vídeos	50
3 (em casa)	4 em 4 vídeos	43

Tabela 4

Distribuição e ocorrências da subfunção de *Checking* nos 3 subcorpora.

Típicos desse grupo de MDs são as estruturas como “*sabe?*”, “*certo?*”, “*entende?*”, “*né?*”, “*tá?*” que mostram forma de próprias perguntas, apesar de, no nosso caso, não ser possível ter uma resposta real, dada a já mencionada natureza quase totalmente unidirecional da comunicação dos talks.

Retomando o contributo de Urbano, estas expressões apresentam o traço “fático de natureza ou entonação interrogativa” e podem seguir enunciados declarativos ou interrogativos (Urbano 2015, p. 456).

Porém, em relação à colocação destas expressões, podemos evidenciar que, de fato, esses dispositivos não parecem pressupor uma resposta concreta, compartilhando a forma de uma pergunta retórica, que justifica a não obrigatoriedade da colocação no final da frase ou do período observada nas transcrições dos vídeos no corpus. Para dar um exemplo:

- 1) Você não é uma coisa só - Monalisa Nunes - TEDxSãoPaulo (subcorpus 3)
“no início eu imaginei que as pessoas iam esperar que eu falasse sobre ser médica na pandemia, sobre ser uma mulher negra nesse momento tão importante, né? De combate ao racismo aqui no Brasil e no mundo.

No subcorpus 1, com talks ao vivo e público presencial, no entanto, podemos destacar também ocorrências do tipo no excerto seguinte:

- (1) A forma como você encara um momento pode mudar tudo - Paola Antonini – TEDxNovaLima (Corpus 1).
“Então eu fui, com as duas muletas, ainda sem prótese, no estudo de tatuagem, e fiz três de uma vez. Agora já tô com dez, né?”.

Nesses excertos reconhecemos uma colocação diferente do mesmo MD “né?”: no primeiro caso, a expressão ocupa posição medial, com uma forma de interrupção da frase, no segundo caso, se encontra em posição final da frase, assumindo a forma de uma “interrogativa tag” (question tag).

Vale a pena acrescentar que podemos considerar este específico MD equivalente a outras expressões que compartilham a mesma função fática, como: “*não é?*”, “*num é?*”, “*não é verdade?*” que compartilham a estrutura de origem na oração com verbo “ser” e a mesma forma negativa “não”. Urbano propõe a definição de um processo de redução e cristalização que parte da matriz “*isso não é verdade?*” passando por “*não é verdade?*” chegando até “*não é/num é?*” e, no final, até “*né?*”. (Urbano, 2015, p.472).

Outro exemplo de MDs de *Checking*, retirado do subcorpus 2, com vídeos gravados em modalidade drive-in ou em estúdio, pode ser:

- 2) Só você é dona da sua história - Giovanna Heliodoro – TEDxSãoPaulo (subcorpus 2)
“eu sempre tive medo de ver o meu reflexo e não era nem por uma questão física, sabe? era de menos isso.”

O MD “*sabe?*” pode ser analisado em equiparação com estruturas como “*sabia?*” “*entendeu?*”, “*entende?*” ou “*tá?*”, por compartilhar não só a função fática, mas também a base verbal e uma baixa (ou nula no caso de “*tá?*”) variabilidade, compreendendo no máximo duas variantes. (Urbano 2015, p.467-469).

Voltando aos resultados, podemos dizer que a segunda hipótese que já descrevemos anteriormente, relativamente à conexão entre mudanças na situação comunicativa, aumento da distância física entre orador e público, e potencial redução no uso dos MDs interacionais, não se apresenta confirmada no caso desta subfunção.

De fato, encontramos uma proporção de 1 a 2,5, entre o subcorpus 1 e o subcorpus 2, e de 1 a 2,15 entre o subcorpus 1 e o subcorpus 3, não mostrando, entretanto, uma diferença relevante entre as ocorrências nos dois subcorpora com talk à distância (2 e 3).

Por conseguinte, poderia ser reconhecida uma conexão inversa à que teríamos traçado seguindo a nossa hipótese inicial.

Por dedução, podem ser delineados dois potenciais percursos de explicação

destes dados. Em primeiro lugar, poderíamos dizer que os oradores que expõem um talk com público presencial, ou seja, em ocasião de eventos TEDx ao vivo, poderiam exercer um maior controle ao longo da exposição por causa de fatores de natureza emocional.

Em relação a isso, é importante lembrar que o talks se inserem em uma variedade ampla de setores e disciplinas, quase construindo um continuum interno ao gênero em que existem talks mais ou menos especializados e que, por um lado, vão resultar em comunicações orais que incluem uma quantidade variável de expressões especializadas e pelo outro, vão ser realizados por oradores mais ou menos acostumados a falar em público.

De fato, nem todos os falantes costumam intervir em congressos ou dar aulas e portanto, esse fator emocional poderia implicar uma comunicação mais controlada, mais centrada na transmissão correta e compreensível das mensagens ou dos tópicos tratados no talk, onde o estabelecimento de uma própria interação com a audiência, de uma certa forma, pode ser parcialmente ofuscado.

Em segundo lugar, focalizando a nossa atenção na aproximação em termos de número total de ocorrências de MDs de Checking nos subcorpora 2 e 3, seria possível supor um maior grau de monitoração por parte dos oradores que expõem o talk à distância, ou seja, em eventos sem público presencial. Para explicar, viria se ativar um mecanismo de compensação em que o falante quer marcar mais frequentemente a componente interacional e interpessoal do evento comunicativo, com a finalidade de atingir uma maior verossimilhança respeito aos eventos ‘originais’, resultando na maior frequência no uso de MDs de Checking.

3.2.2. *Vocativos*

A segunda subfunção que apresentamos e que segue a de *Checking* em termos de prevalência de uso nos 3 subcorpora analisados, é desempenhada por MDs definidos *vocativos* ou *interpelativos*.

Nestes casos o falante se refere de forma direta ao interlocutor com expressões como “*cara*”, “*meu*”, “*peçoal*”, “*gente*”. Portanto, o orador, além de claramente chamar a atenção do público, realiza de forma concreta o processo de reconhecimento de que já falamos, pelo qual cada espectador pode perceber a sua própria participação a uma interação real com quem está falando. Desta forma, a aproximação entre falante (no nosso caso experto) e interlocutor (leigo) se torna evidente e direciona o talk para um evento comunicativo mais simétrico do que poderíamos esperar de uma comunicação de popularização, com público amplo.

No que diz respeito a essa subfunção foram extraídos os seguintes dados:

CORPUS	DISTRIBUIÇÃO nos vídeos totais do corpus	OCORRÊNCIAS TOTAIS no corpus
1 (ao vivo)	3 em 4 vídeos	8
2 (drive-in / em estúdio)	2 em 4 vídeos	2
3 (em casa)	2 em 4 vídeos	10

Tabela 5

Distribuição e ocorrências da subfunção de Vocativo nos 3 subcorpora.

Em termos de número de ocorrências, não podemos destacar, de forma geral, um uso tão amplo dos *vocativos*, quanto acontece com a subfunção de *Checking*.

De fato, é importante lembrar que, apesar da intenção comunicativa de envolvimento da audiência que acabamos de reafirmar, não falamos de reais conversas entre 2 interlocutores, mais de uma interação desenvolvida, basicamente, de forma unidirecional.

Outra consideração tem a ver com os resultados relevantemente menores do subcorpus 2, que evidenciam uma maior proximidade entre os subcorpora 1 e 3, os quais, na realidade, não apresentam a mesma configuração respeito ao processo de exposição do talk ao público.

Isto poderia levar a considerar fatores de natureza pessoal e subjetiva nas atividades de escolha das estruturas e das expressões tanto na fase da preparação do talk, anterior ao próprio evento, tanto ao longo da exposição, que, lembramos, não apresenta (ou melhor não parece apresentar nos vídeos) possibilidades de leitura da comunicação previamente elaborada.

Na verdade, o *continuum* interno ao gênero dos talks em termos de especialização dos tópicos e da linguagem, assim como a ampla variedade de papéis sociais e profissionais que os oradores podem desempenhar nas suas vidas, podem intervir nesse processo de escolha e construção da comunicação. Neste processo, o orador tem a possibilidade de selecionar as expressões que considera adequadas tanto em relação à mensagem que quer transmitir, quanto relativamente ao grau de aproximação e envolvimento da audiência que quer atingir.

Este fator não parece diretamente ligado à presença ou à ausência de um público ou à maior distância física que se cria, por exemplo, nos talks realizados em modalidade drive-in.

Voltando a reflexões de tipo qualitativo, podemos sublinhar em todos os subcorpora uma tendência ao uso de estruturas ou palavras de natureza coletiva, ou seja, plural.

Para dar um exemplo:

- 3) O poder dos mini hábitos - Joel Moraes – TEDxSantos (Corpus 1)
Porque o herói, **pessoal**, ele não nasce pronto. O que faz você um herói, uma heroína, são as circunstâncias que você passa na sua vida.

Neste excerto, além do MD “*pessoal*”, típico com função fática de vocativo-interpelativo, podemos notar também o uso do pronome “*você*” que, de um lado se apresenta como forma pronominal utilizada como estratégia para indeterminar o sujeito e, de outro, pode ser considerado como possibilidade de criar um ponto em comum entre orador e público, ajudando na aproximação experto-leigo.

Relativamente ao subcorpus 2, podemos considerar como exemplo:

- 4) A gente é aquilo que a gente espalha - Marc Tawila – TEDxSãoPaulo (Corpus 2)
[...] jornalista com nota fora da bolha, **pessoal**, costuma fazer pelo menos uma pergunta besta, e eu fiz a minha.

Parece particularmente evidente, nesta breve frase, uma outra característica típica dos MDs, ou seja, a natureza parentética da entoação com que esses dispositivos são inseridos na comunicação e articulados (aqui mostrada das vírgulas).

Por último, no subcorpus 3, apresentamos uma das 10 ocorrências totais de MDs *vocativos*:

- 5) A favela é uma potência cultural - Raull Santiago – TEDxUnisinos (Corpus 3)
[...] A fome, a exploração capitalista, a violência direcionada às pessoas mais pobres, e nós, **gente**, vocês, podemos juntas e juntos mudar essa realidade.

Já mencionamos várias vezes que se trata de comunicações que envolvem um público amplo, portanto esta tendência ao uso de estruturas de caráter coletivo não representa uma verdadeira surpresa, mas nos leva a considerar em termos comparativos o uso de expressões coletivas e ao singular nos talks em análise.

De forma geral, os oradores parecem utilizar palavras ao singular associando à evidente função fática um papel de interjeição.

Como já definimos, as expressões que podem ser utilizadas como MDs se mostram multifuncionais e relativamente flexíveis em termos de colocação e forma. Além disso, como foi já marcado por Risso (2015), existe uma

tendência direcionada ao uso de estruturas breves.

Isso pode levar ao emprego de expressões cristalizadas ou fixas na fala espontânea e que, portanto, podem sofrer uma parcial redução da função de MD à qual se acrescenta, como dissemos, a de interjeição.

Para explicar, concluímos com o seguinte exemplo:

- 6) Transformando segundos em minutos - Ícaro de Carvalho -TEDxSantos (Corpus 1)
“Segundo ponto, 90/10, **cara** se 98.2 % das pessoas não vão se sentir atraídas.”

3.2.3. Injunções

A terceira subfunção identificada por Guerra, e aplicada à análise aqui apresentada, é definida *injuntiva*. Como a própria denominação já esclarece, se trata de estruturas de base verbal no modo imperativo, através das quais o falante envolve diretamente o receptor, requerendo a sua participação à interação.

É preciso sublinhar que estas formas, apesar de se apresentar no imperativo, não pressupõem necessariamente uma ilocução de ordem ou imposição. Na verdade, podemos notar um processo de *discursivização* das estruturas que assumem o papel de MD.

De fato: “Observa-se [...] uma gradativa neutralização de semas referenciais verbais, em direção a uma acomodação semântica alocada ao movimento discursivo das relações interpessoais” (Risso, Silva, Urbano, 2015, p. 389).

Assim, estes dispositivos representam um recurso importante para a realização da aproximação entre experto e leigo que se apresenta como fundamental no gênero discursivo dos talks.

Em outras palavras, o emissor chama o interlocutor a realizar uma ação, ainda que esta não seja, de fato, concreta.

No que diz respeito à dimensão formal das estruturas que desempenham esta subfunção, retomamos de novo as palavras de Guerra:

a subfunção de injuntivo impõe a restrição de que uma expressão, para exercer essa subfunção, tem de apresentar um elemento verbal, ou o próprio verbo unicamente, ou um segmento de oração verbal, ambos no imperativo (Guerra 2007, p. 87).

Portanto, expressões típicas reconduzíveis à injunção podem ser “*olha*”, “*veja bem*”, “*imagina*”, com as devidas variantes.

Consideramos importante uma reflexão bem resumida por Risso sobre este processo de envolvimento ativo e direto do interlocutor, especificadamente em relação à forma verbal “*olha*”.

De fato, pode ser reconhecida uma tendência à cristalização semântica, que já apontamos como traço recorrente nos MDs, e que

define aí um apagamento da referência literal à atividade de “fixar a vista em algo” típica do verbo [...] (que) aparece remanejada para a expressão de uma outra espécie de envolvimento sensorial-cognitivo, proposto ao ouvinte em forma de um chamado de sua atenção (Risso *et al.* 2015, p. 431).

Além disso, claramente, expressões deste tipo sinalizam uma particular relevância ou talvez complexidade da porção da comunicação sequente.

No Corpus objeto da presente pesquisa, foram extraídos os seguintes dados:

CORPUS	DISTRIBUIÇÃO nos vídeos totais do corpus	OCORRÊNCIAS TOTAIS no corpus
1 (ao vivo)	3 em 4 vídeos	6
2 (drive-in / em estúdio)	2 em 4 vídeos	2
3 (em casa)	3 em 4 vídeos	8

Tabela 6

Distribuição e ocorrências da subfunção de Injuntivo nos 3 subcorpora.

Como no caso dos *Vocativos*, não podemos destacar, um número de ocorrências de *Injuntivos* que possa se aproximar aos dados extraídos em relação à subfunção de *Checking*.

Na verdade, já falamos da natureza monitorada e controlada da comunicação no que diz respeito aos talks.

Quanto ao subcorpus 3, foi evidenciada uma preferência marcada pelo uso de estruturas complexas de natureza frasal que, apesar disso, podem ser associadas à subfunção de *Injuntivo*, desempenhando um papel de envolvimento direto do público.

Um exemplo disso pode ser o seguinte excerto, onde o orador chama os espectadores (virtuais) a responder a uma pergunta.

- 7) A favela é uma potência cultural - Raull Santiago – TEDxUnisinos (Corpus 3)
Então, me diga você, o que será que as narrativas históricas do passado contariam sobre você?

Efetivamente, poderíamos sublinhar aqui uma tendência em contraste com o traço de brevidade comum aos MD de forma geral. Contudo, é importante lembrar que este subcorpus contém talks realizados e gravados de casa e disponíveis ao público só como vídeos no canal YouTube do programa TEDx e por conseguinte, é provável que os oradores exerçam um maior grau de monitoração da exposição dos conteúdos.

Poderíamos deduzir duas motivações principais quanto a esses dados: por um lado, os speakers não sofrem a potencial influência no que diz respeito à dimensão emocional da presença de um público amplo e, pelo outro, poderiam ter a possibilidade de rever o talk anteriormente elaborado mesmo ao longo da exposição, por exemplo, também interrompendo a gravação para entregar uma mesma porção da comunicação de forma que consideram mais acessível ou correta, ou ainda fazendo cortes no produto audiovisual final em fase de pós-produção.

Um outro aspecto que surgiu do estudo das transcrições concerne uma tendência em direção de estruturas ou formas verbais à terceira pessoa do singular, embora os oradores se depararem com uma audiência ampla.

Como já descrevemos, existe uma geral inclinação ao uso de estruturas fixas da fala que, por conseguinte, tendem à invariabilidade.

Dando alguns exemplos:

- 8) Transformando segundos em minutos - Ícaro de Carvalho - TEDxSantos (Corpus 1)
Imagina só, eu gasto mais tempo decidindo o que eu vou assistir na Netflix do que de fato assistindo Netflix.
- 9) A ansiedade não é sua inimiga - Camila Wolf – TEDxSãoPaulo (Corpus 2)
Olha que gracinha, gente, a gente nasceu com esse dispositivo interno.

Relativamente a este ponto, destacamos que este utilizo de expressões fixas pode levar à uma (embora leve) aceleração na elocução que comportou, em fase de transcrição, algumas dificuldades na diferenciação entre as formas variantes do mesmo MD, por exemplo entre “olha”, “olhe” ou “olhem”, ou ainda mais entre “veja” e “vejam”.

3.2.4. Iniciadores

A última subfunção que foi considerada na presente pesquisa é desempenhada por estruturas definidas *iniciadores* por Guerra (2007).

Falamos de dispositivos que denotam um engajamento indireto do interlocutor sinalizando, no entanto, um envolvimento direto do orador, que deixa marcas dos processos de organização do talk (ou reorganização, sendo comunicações monitoradas, mas o expostas oralmente e não lidas ao público), como acontece com “bom”, “bem” ou “pois é”.

Risso descreve estes MDs como sinais do compromisso do falante no

que se refere aos conteúdos a serem providos, evidenciando, no caso específico de “*bom*” e “*bem*”, uma avaliação positiva, e direcionando estas estruturas mais para o desenvolvimento do texto, onde assumem um valor concessivo, assim como um teor prefaciador.

Ao longo da análise do Corpus da presente pesquisa, porém, não foi evidenciado um evidente uso relacionado ao sequenciamento tópico. O que emerge é um processo mental do orador que parece inserir esses MDs em momentos em que ele quer ganhar tempo durante a exposição do talk.

Em outras palavras, no que se refere à nossa amostra, foi constatado um uso mais próximo à definição de Guerra pela qual estes MDs:

Parecem constituir formas de encadeamento da interação, sinalizando que o falante vai dar continuidade a essa interação, e que está preparando o discurso subsequente [...] parecem sinalizar, primariamente, que o falante vai iniciar a resposta a uma pergunta ou uma nova parte da interação; a função é a de chamar a atenção do interlocutor para isso, e não propriamente marcar uma relação entre dois segmentos do discurso (Guerra 2007, p. 66-68).

Os dados extraídos dos 3 subcorpora foram os seguintes:

CORPUS	DISTRIBUIÇÃO nos vídeos totais do corpus	OCORRÊNCIAS TOTAIS no corpus
1 (ao vivo)	2 em 4 vídeos	3
2 (drive-in / em estúdio)	3 em 4 vídeos	4
3 (em casa)	0 em 4 vídeos	0

Tabela 7

Distribuição e ocorrências da subfunção de Inciador nos 3 subcorpora.

A primeira observação a ser feita se refere ao fato de que estes dispositivos apresentaram os números menores de ocorrências em comparação com as outras subfunções.

Isto poderia ser reconduzido mais uma vez à natureza controlada e monitorada dos talks. De fato, a organização e o planejamento do evento comunicativo gravado nos vídeos aqui analisados é precedido por vários momentos de preparação: pela elaboração do talk por parte do orador; por

discussões sobre conteúdos e forma de exposição do mesmo entre o speaker convidado e as equipes organizadoras e, ainda, sobretudo nos casos incluídos nos subcorpora 1 e 2, por ensaios efetuados no palco ou no estúdio, também úteis às necessidades técnicas de gravação (posicionamento do orador, luzes, enquadramentos etc.).

Tal configuração da comunicação poderia levar à uma relativa falta de necessidade de reorganização mental dos tópicos a serem expostos ao longo do evento.

Uma consideração deste tipo permite também refletir sobre a total ausência de MDs *iniciadores* no subcorpus 3. Na verdade, já mencionamos a maior possibilidade de controle sobre a exposição e sobre o mesmo processo de gravação que os oradores poderiam ter no caso dos talks gravados em casa, o que justificaria a omissão dos momentos de pausa ou reorganização da comunicação.

Na mesma linha, poderíamos justificar a proximidade, em termos de ocorrências, entre os subcorpora 1 e 2. Na verdade, os talks gravados em estúdio, incluídos no subcorpus 2, pretendem reproduzir as modalidades de apresentação da comunicação dos eventos TEDx originais, ou seja, com público presencial.

Terminamos esta seção com dois breves exemplos extraídos dos subcorpora 1 e 2:

- 10) As redes sociais e a saúde mental - Flavio Milman Shansis - TEDxUnisinosSalon (Corpus 1)
Bom, as redes sociais, elas provocaram mudanças profundas na forma como a gente interage e na forma como a gente se comunica com os outros.

- 11) Menos emoção e mais razão - Gabriela Prioli – TEDxSaoPaulo (Corpus 2)
Pois é, de fato as pesquisas mostram que no debate político a emoção tem ocupado o centro do palco, as pessoas tendem a concordar ou discordar de uma proposição política mais pela origem da proposição, muito menos pelos méritos ou deméritos daquilo que é proposto.

4. Conclusões e propostas de aprofundamento

Para concluir este trabalho podemos confirmar a natureza híbrida do gênero discursivo dos talks em primeiro lugar quanto às modalidades de exposição, dada, por exemplo, a possibilidade de uso de suportes gráficos, e às modalidades de fruição, devido aos produtos audiovisuais realizados gravando os talks; em segundo lugar, no que se refere estreitamente à exposição dos conteúdos e à concretização da intenção comunicativa de popularização de *ideas worth spreading*.

De fato, a análise que acabamos de ilustrar delineia um quadro

complexo em termos comunicativos e linguísticos.

Falamos de interações monitoradas, anteriormente elaboradas nos aspetos formais e de conteúdo e de natureza fundamentalmente unidirecional, que, ao mesmo tempo, pretendem construir uma verdadeira interação com o público seja presencial seja à distância. Este último aspecto resulta, por um lado, no uso de estratégias de envolvimento da audiência e de reconhecimento dela como efetivo participante ao evento comunicativo, e, por outro lado, em uma relevante influência da fala espontânea que permite atingir os espetadores através de uma linguagem mais próxima de contextos e situações que é mais provável que eles vivam no dia a dia.

Como consequência, a comunicação entre experto e leigo perde uma conotação absolutamente assimétrica e se coloca em ação um processo de aproximação entre falante e interlocutor, apesar do caráter coletivo do segundo e da distância entre os dois em termos de conhecimentos e competência.

Além disso, nos confrontamos com comunicações controladas e precedentemente preparadas, mas que não são lidas à audiência, fato que leva ainda mais à possibilidade de influência da fala espontânea ao longo da exposição.

No que se refere ao objetivo específico da presente pesquisa, ou seja, o uso dos MDs, podemos formular algumas conclusões principais.

Em primeiro lugar, a natureza híbrida e tendente à simetria do gênero audiovisual dos talks resulta no inserimento de dispositivos, como os MD interacionais, típicos da fala espontânea que permitem materializar e realizar concretamente através do texto a intenção de popularização e transmissão de conteúdos especializados de forma acessível para um público leigo, amplo e fortemente diversificado.

Em segundo lugar, o caráter monitorado e as fases de preparação da comunicação precedentes à real exposição do talk fazem com que nem todos os MD, nas várias subfunções que podem desempenhar, vão ser utilizados com a mesma frequência.

Por um lado, a subfunção de busca de aprovação (*Checking*) apresenta ocorrências altas, também por apresentar com mais evidência, nas transcrições examinadas, o traço de brevidade e cristalização na fala espontânea em comparação com alguns dos outros tipos de MDs. Pelo outro lado, as restantes subfunções que ilustramos e que mostramos nos subcorpora a possibilidade de resultar em formas mais complexas, ou de se desenvolver em expressões de natureza mais extensa (ainda frasal), parecem ser empregadas com frequência menor, fato que remeteria à dimensão de controle e monitoração das comunicações em análise.

Designadamente, tivemos um exemplo claro disso na subfunção de *Iniciador*, que se mostra maiormente direcionada para o orador, dando evidência do seu processo de organização mental da comunicação e que não foi registrada no subcorpus 3, em que o falante parece ter maior controle quanto à exposição de seu talk.

Em terceiro lugar, no que diz respeito à construção de uma real interação entre os participantes ao evento comunicativo, podemos assumir que a relação entre interlocutores tende a ser instaurada conforme a intenção comunicativa dos talks e não necessariamente considerando a distância física entre os participantes como um impedimento. De fato, sobretudo relativamente às estruturas que visam verificar o nível de atenção de um interlocutor presencial, não pôde ser reconhecida uma redução no uso destes MDs em resposta à ausência dos espetadores. Contrariamente, os oradores tentaram envolver ainda mais o espectador através de dispositivos deste tipo.

Enfim, como mencionamos ao longo desta pesquisa, os MDs tendem a corresponder a estruturas que se cristalizaram na fala espontânea, também sofrendo processos de derivação, redução ou aférese.

É importante sublinhar que as deduções que acabamos de resumir não representam conclusões definitivas a respeito da configuração em termos linguísticos e interacionais dos talks. Na verdade, seria interessante alargar este tipo de análise a um corpus mais amplo.

Um número maior de dados poderia conferir mais aplicabilidade às observações aqui apresentadas e teríamos, também, a possibilidade de aprofundar na nossa análise a correlação entre mudanças na situação comunicativa e as correspondentes variações no processo de construção da comunicação.

Enfim, poderíamos refletir com maior precisão sobre as estratégias de construção da interação entre orador e público, no âmbito específico da popularização do Discurso Especializado.

Nota biográfica: Martina Desantis é doutoranda em Língua Portuguesa no Departamento de Lingue, Letterature e Culture Straniere da Universidade de Roma Tre, onde conseguiu o mestrado em Lingue moderne per la comunicazione Internazionale. Desde 2020 é membro do corpo discente de pesquisadores do Projeto de Pesquisa “Enciclopédia audiovisual virtual em análise do discurso e áreas afins” coordenado por Bethania Mariani (Instituto de Letras – UFF/CNPq). Desde 2021 é membro do Grupo de Pesquisa “I-FALA Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Reserach”.

E-mail: martina.desantis@uniroma3.it

Referências bibliográficas

- Bazzanella C. 2010, *I segnali discorsivi*, in Renzi L, Salvi G. (eds.), *Grammatica dell'Italiano antico*, Il Mulino, Bologna, 1339-1357.
- Bazzanella C. 2001, *Segnali discorsivi nel parlato e nello scritto*, in Dardano M., Pelo A., Stefinlongo eds., *Scritto e Parlato. Metodi, testi e contesti*, Aracne, Roma, 79-97.
- Caliendo G., Compagnone A. 2014 *Expressing epistemic stance in University lectures and TED talks: a contrastive corpus-based analysis*, *Lingue e Linguaggi* 11, 105-122.
- Caliendo, G. & Compagnone, A. 2017, *From the university classroom to the TED stage: exploring research promotion as professional practice*, in Garzone, G. & Catenaccio P. & Kim G. & Roxanne D., *Specialised and professional discourse across media and genres*, Ledizioni, Milano.
- Caliendo, G. 2012, *The popularization of science in web-based genres*, in: Caliendo, G., Bongo, G. (Eds.), *The Language of Popularization: Theoretical and Descriptive Models*. Peter Lang, Bern, 101–132.
- Compagnone, A. 2016, *The Pragmatics of Spoken Academic Discourse in the Framework of TED Talks: A Case Study*, In *Pragmatic Issues in Specialized Communicative Contexts*, Brill – Rodopi, Leiden, The Netherlands.
- Compagnone, A. 2015, *The Reconceptualization of Academic Discourse as a Professional Practice in the Digital Age: A Critical Genre Analysis of TED Talks*, in “HERMES - Journal of Language and Communication in Business” 27 [54], pp. 49-69.
- De Rosa, G.L. e Morleo, F (no prelo), *Os Marcadores Discursivos no Discurso Especializado web-mediated*.
- Freitag Ko R.M. 2007, *Marcadores Discursivos não são vícios de Linguagem!* In “Interdisciplinar Revista de Estudos de Língua e Literatura”, v.4, p. 22-43 - Jul/Dez.
- Freitag Ko R.M. 2008, *Marcadores discursivos interacionais: análise contrastiva entre duas variedades do português falado no Brasil*, Anais do CELSUL 2008.
- Freitag Ko R.M. 2009, *Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados*, in “Revel”, 7[13].
- Duarte, I. 2007, *Português moderno, da România à România nova*, in Lanciani G. (2007), *Da Roma all'oceano, La lingua portoghese nel mondo*, Atti del convegno (Roma, 29-30 marzo 2007), La Nuova Frontiera, Roma, 17-29.
- Guerra A. R., 2007, *Funções textual-interativas dos Marcadores Discursivos*, São José do Rio Preto-SP, Dissertação de mestrado – Universidade Estadual Paulista, 35-92.
- Hyland K. 2001, *Bringing in the Reader, Addressee Features in Academic Articles*, “Written Communication” 18 [4], pp. 549-574.
- Hyland K. 2010, *Constructing proximity: relating to readers in popular and professional science*, in “Journal of English for Academic Purposes” 9.
- Hyland K. 2010, *Constructing proximity: relating to readers in popular and professional Science*, in *Journal of English for Academic Purposes*, vol. 9, issue 2, Elsevier, 116-127.
- Hyland K 2005, *Stance and engagement: A model of interaction in academic discourse*, in “Discourse Studies” 7 [2], pp. 173-191.
- Lamoglia Duarte M. E. 2020, *A sintaxe do Português do Brasil: entre a fala espontânea e a escrita padrão*, In Salomão (a cura di) 2020, *Temas da Língua Portuguesa: do Pluricentismo à Didática*, Luso Brasileira Collana di studli linguistici leritterari e storico-culturali, Anno IV, n.5, Edizioni Nuova Cultura, Roma, 131-149.
- Moneglia M. 2011, *Spoken Corpora and Pragmatics*, *Revista brasileira de Linguística*

- Aplicada, 11, 2, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 479-519.
- Morleo F. 2018, *I marcatori discorsivi nel portoghese europeo*, in Working Papers, vol. 6, Siba, Università del Salento.
- Nencioni G., *Parlato-parlato, parlato-scritto, parlato-recitato*, in Nencioni G., *Di scritto e di parlato*, Zanichelli, Bologna, 1983.
- Preti D. (ORG.) 1999, *O discurso oral culto*, 2º ed, Projetos Paralelos, Humanitas Publicações FFLCH/USP, São Paulo.
- Risso, M. S. 1999, *Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado* in Neves, M.H.M. (eds.), *Gramática do português falado vol. 7, Novos Estudos*, Edit. da UNICAMP, Campinas, pp. 259-296.
- Risso, M. S., Silva, G. M. O. and Urbano, H. 1996, *Marcadores discursivos: traços definidores* in Koch I. G. V. (eds.), *Gramática do português falado vol. 6, Desenvolvimentos*, Edit. da UNICAMP/FAPESP, Campinas, pp. 21-94.
- Risso, M. S., Silva, G. M. O. And Urbano, H. 2006, *Traços definidores dos Marcadores Discursivos*, in Jubran, C.S. e Koch, I. G. V. (orgs.), *Gramática do português culto falado no Brasil, vol.I: Construção do texto falado*, Editora da UNICAMP, Campinas, pp.403-425.
- Risso, M. S., Silva, G. M. O. e Urbano, H. 2015, *Traços definidores dos Marcadores Discursivos*, in Jubran, C.S. (org.), *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: A construção do texto falado*, Contexto, São Paulo, pp. 371-390.
- Sabatini F. 1999, *Rigidità-Esplicitzza vs Elasticità-Implicitzza, Possibili Parametri Massimi per una Tipologia dei Testi* in Skytte G. / Sabatini F. (edd.), *Linguistica testuale comparativa*. In memoriam Maria Elisabeth Conte. Atti del Convegno interannuale della Società di Linguistica Italiana, Copenaghen, 5-7 febbraio 1998, Museum Tusulanum Press, Copenaghen.
- Scotto di Carlo G. 2014, *The role of proximity in online popularizations: the case of TED talks*, in *Discourse Studies*, Sage, 1-16.
- Scotto di Carlo G. 2014b, *New trends in knowledge dissemination: TED Talks*, *Acta Scientiarum Language and Culture*, 36(2), Napoli, 121-130.
- Scotto di Carlo G. 2014c, *Pathos as a Communicative Strategy for Online Knowledge Dissemination: The Case of TED Talks*, in “The Southeast Asian Journal of English Language Studies” 21 [1], pp. 23-34.
- Thompson G. e Hunston S. 2000, *Evaluation in text: Authorial Stance and the Construction of discourse*, Oxford University Press, Oxford.